

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

O Silêncio e a Ação Criadora

Conferência em Barcelona

3 de janeiro de 1985

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

# O Silêncio e a Ação Criadora

Barcelona, 3 de janeiro de 1985

**Vicente** – No início de um novo ano é costume se fazer um reajuste, esotericamente falando. Trata-se de definir qual será o reajuste que nos corresponde como indivíduos ou como grupo. Um reajuste não pode partir de um ponto central onde há apenas uma pessoa que determina que se deve fazer isto ou aquilo, pois não é correto. O reajuste vem de cada um de nós quando nos damos conta de que existe não somente a possibilidade de um reajuste, como a consciência de que devemos nos reajustar em certas direções, o que é, no meu entender, a chave do que está acontecendo nos grupos esotéricos, estão se reajustando completamente.

Vir aqui me causa uma impressão, é como se eu tivesse certa autoridade sobre os demais, o que eu não aceito. Existem valores íntegros no grupo, pessoas que estão buscando a verdade, que estão procurando corajosamente triunfar na prova cármica da qual todos participamos. A direção não deve caber a apenas um, ela deve ser de todos e de cada um de nós. Não sendo assim, não compreenderemos o exato sentido da vida. Vocês verão que a mensagem que trago está ao alcance de todos e, portanto, o que eu disser não nega em absoluto que outra pessoa não possa também dizer algo que seja interessante para o grupo.

Lembro-me de que há um grupo esotérico, até certo ponto místico, a *Sociedade dos Amigos Quakers*, ao qual estive afiliado durante certo tempo. Depois tive outras transformações internas e deixei o grupo. É interessante que este grupo baseia todo o seu culto no silêncio, e dizem que neste silêncio se escuta o chamado da Divindade, o que pode ser, de certa maneira, não uma presunção, mas o reconhecimento dos valores internos que nascem com o silêncio. O silêncio deve surgir da etapa mística e passar para o conceito dinâmico. Eu me pergunto se podemos nos dar conta do que significa o *silêncio dinâmico* em oposição ao *silêncio místico*, porque o silêncio tem várias fases. O silêncio místico está na metade do silêncio das palavras e do silêncio mental, o do silêncio total e, portanto, somente como uma prova de que há muita gente no mundo que está buscando o mesmo que nós por outros caminhos, é a razão por que temos que estar muito advertidos da hora solene que estamos vivendo. E isto pode ser um pouco fatigante quando estamos buscando ou investigando a verdade de um ponto de vista meramente analítico, procurando buscar as razões esotéricas e não o conteúdo esotérico, o que é muito diferente, passar da etapa do simples conhecimento esotérico para a experiência esotérica, o que não significa uma experiência parapsicológica, como creem alguns, nem uma experiência mística, mas o dinamismo da ação.

Penetra-se pela mente quando ela foi treinada convenientemente e vai surgindo triunfante de todos os pensamentos que estão revolteando por ela. Mergulha-se depois no coração, obtém-se um equilíbrio perfeito, vincula-se o centro Coronário com o centro Cardíaco através do centro Ajna. Surge então, como corresponde a este silêncio místico estabelecido por este triângulo, o desenvolvimento da palavra, da voz, do centro Laríngeo, o qual deve ser convenientemente desenvolvido, porque estamos

vivendo uma era em que a palavra tem que ressoar de maneira muito diferente do que ressoou até agora. Desde os tempos da Lemúria, quando o homem só emitia sons guturais, passando pela Atlântida, onde a linguagem era mágica, mas um caráter mágico que tinha a ver com a personalidade ou com o egoísmo da ação, até chegar ao presente, no qual o dinamismo está centrado na *Agni Yoga* preconizada pelo Mestre Morya há uns trinta e cinco ou quarenta anos, talvez mais, e que, portanto, estamos tratando também de que a palavra que surge deste silêncio expectante se converta na palavra santa que deve abrir todas as portas sagradas. Se quisermos discutir o silêncio em termos de grupo, devemos entender que o silêncio é universal e que há um silêncio que pertence ao próprio LOGOS, ao Logos SOLAR e ao Logos PLANETÁRIO. São os Pralayas que resultam da ação do descanso do lutador, do guerreiro e, então, neste silêncio místico está se preparando a própria e futura criação.

Diz-se que este universo terá duração muito longa, que os ciclos se sucederão de maneira muito parcimoniosa, devido à vinda de seres que não pertencem à nossa Cadeia para engrossar as fileiras dos filhos dos homens. Isso se dizia outro dia no Ashram, trata-se de egos que não estão tão adiantados como os seres humanos atuais, e que frearão o impulso da raça. Entretanto, os escolhidos, aqueles que tecnicamente conhecemos como os escolhidos, aqueles que empreendem a ação mística, eles surgirão triunfantes, porque estão triunfando agora. Daí a importância de que eduquemos convenientemente nossos veículos, agora que estamos adentrando em sendas de incertezas, de insegurança, e que perdemos tudo que se relaciona com a segurança, o egoísmo do eu. Parte desta segurança é o medo da ação, é este período de indecisão que o discípulo tem quando a ele se apresenta a opção dentro de um Ashram, ou a opção ante a Câmara iniciática, ante a Corte iniciática. Esta opção está presente aqui e agora, o que podemos e devemos fazer, e aquilo que não podemos realizar. Trata-se de um silêncio ajustador de força, para ver se seremos capazes de sair triunfantes da prova. Até aqui temos vivido ao amparo dos conceitos filosóficos e analíticos, de razões puramente técnicas do esoterismo, e agora trata-se de outra filosofia, surge uma nova ação criadora dentro do espírito do homem, e tem a ver com o passo que o discípulo tem que dar atualmente.

Como sabem, o discipulado tem várias fases. Se cada um de vocês se considera um discípulo, verá qual é o passo seguinte que deve dar. Saberá exatamente onde se encontra e o que tem que fazer para sair deste ponto de repouso ou deste ponto de atividade truncada, do qual não pode seguir adiante, para ver se é possível dar o passo seguinte e converter-se em um buscador, em um investigador esotérico da verdade e não em um simples analisador de temas escolhidos, de conceitos esotéricos que são o resultado do esoterismo de todos os tempos que chegaram a este momento. Agora a ação é muito diferente da que havia no passado. Existem grandes forças que ajudam o homem prevendo esta etapa de insegurança que o discípulo deve enfrentar. Sempre falamos do silêncio no sentido de que nos prepara para esta etapa difícil que precede o próximo passo a dar. É de uma atividade tão distinta da que até aqui tivemos, que naturalmente teremos que observar sinceramente este silêncio expectante para ver o que acontece no silêncio.

A indicação, a orientação, a própria inspiração do Eu Superior para nós deve vir na *calma do silêncio*, na qual devemos aproveitar a conjuntura para ver a orientação precisa da nossa mente, do nosso corpo emocional e do nosso propósito e vontade, para ver se é possível penetrar profundamente dentro do Ashram, do Ashram ou de um Ashram que pertença a todos e a cada um de nós. Se pudermos pertencer a um grupo egoico inicialmente, estaremos todos no mesmo Ashram devido a características pessoais de raio, devido talvez a compromissos passados que têm a ver com contatos estabelecidos com entidades cármicas. O próprio Mestre que deve liberá-los e conduzi-los à iniciação, pode ser que esteja vigiando, detectando o passo que vocês têm que dar. Talvez os esteja ajudando, ou inspirando, e isto é o que me fortalece na ação, porque sei que o que eu tive, todos os seres humanos têm ou podem conseguir.

Este momento de prova que vemos refletido no mundo gera este senso de valores efêmeros que estão se desvanecendo, causando todas as dificuldades, principalmente as forças da magia negra que estão atuando no mundo, e das quais tão pouco se fala esotericamente, mas que constituem os vínculos que nos prendem aos períodos de instabilidade e de mudanças para a esquerda, não para a direita, para o ponto assinalado como síntese da ação. Neste caso deve haver prudência na mente quando se pratica a *Serena Expectação*, pois é quando se vê claramente o caminho da esquerda, o da direita e o caminho do centro, que é o que nos corresponde a todos para ver o que podemos fazer neste caminho, se podemos dar o passo ou se permanecemos parados aqui por uns anos, ou por muitos anos. A oportunidade iniciática é única, apresenta-se somente uma vez na vida. Perdendo-se a oportunidade, dificilmente se tem outra nesta vida, temos que esperar pela próxima, talvez por outra, porque existe a lei de economia de forças neste Universo de 2º raio que decide a ação dos buscadores, dos investigadores.

Existe um poder que renova todas as coisas, precisamente porque há uma economia constante de energias, e o silêncio é uma forma de poupar energias, como o calar é uma forma de reduzir a bagagem da ação. No entanto, o repouso é uma ação que surge do silêncio, um silêncio que não há de ser místico, porque é inspirado por forças do 1º Raio. Não se trata do misticismo do 6º Raio, mas de um dinamismo, de uma ação mística que corresponde ao 1º Raio que impulsiona para a ação de uma maneira constante, ininterrupta, que nos leva daqui para lá, que faz surgir de nós tudo que foi a escória do passado, a experiência consumada que permanece no nosso inconsciente coletivo com o qual estamos enlaçados. Tudo o que foi dito até aqui é resultado da experiência que nos colocou em determinado ponto do caminho, do caminho que cada um deve percorrer por si mesmo. O desafio é se este passo que vamos dar pode ser dado agora mesmo, neste momento, ou esperaremos na indecisão e no medo para ver se é possível ressurgirmos triunfantes desta ação.

Gostaria de discutir isto em profundidade, e que vocês escolhessem o ponto de crise que cada um está abrigando no coração e que o está impulsionando para este outro caminho. A reorientação depende de cada um, e me pergunto se em vocês existe um vislumbre deste novo caminho, desta reorientação de atitudes, ou se estão conformados com o que têm, o que é muito pouco para mim e para todos.

**Xavier** – Seguindo por exemplo o que foi dito sobre o silêncio, sobre a serena expectativa, é curioso ver como os grandes avatares, inclusive o Buda, diziam naqueles tempos que a máxima ação que se poderia ensinar à Humanidade era precisamente a da atenção. No Zen, o estado Susuki, diz-se que o silêncio é uma barreira em que se pode morrer, me explico, que creio que é necessário morrer para nascer no mundo. Também creio que, como dizia o lama Govinda, o OM é o que mata as barreiras do ego. É necessário observar o silêncio, a visualização e o OM, a síntese destes três elementos no intervalo que há entre a expiração e a inspiração, nestes dois intervalos está o momento que precede a criação, a magia. Gostaria que, dentro desta reorientação, nos falasse um pouco, aproveitando toda essa bagagem de conhecimentos esotéricos e místicos que, creio eu, todos nós acumulamos nestes cinco anos, qual pode ser nossa orientação, que tipo de magia podemos realizar para que este movimento reúna os esforços de fusão grupal, porque o Cristo disse “*não os quero mornos*”. Creio que Milarepa e Patanjali diziam que o discípulo devia ter, antes de tudo, aquele fogo ardente que é a busca da verdade, desta verdade que se pode encontrar no silêncio interno, mas toda esta bagagem que acumulamos vai nos levar ao silêncio. Como podemos aproveitar este silêncio criativamente, se de alguma maneira, como você e todos os Mestres, praticamente temos nos aproximado deste silêncio através das palavras? Como podemos catapultar-nos para esse silêncio depois das palavras, ou sem as palavras é possível?

**Vicente** – Nos Ashrams, antes de tudo se ensina a calar, não falar. É lógico que, se a palavra surge do emaranhado de pensamentos e emoções, não terá poder criativo. Porém, se se fizer o silêncio, a palavra que surge do silêncio será mágica, será um mantra, será uma participação ativa no OM sagrado. Por exemplo, não tem nenhuma eficácia o OM sagrado, apesar de que nós lhe demos uma entonação mais ou menos figurada de acordo com a realidade, se não surgir de um silêncio expectante. Antes de pronunciar o OM teríamos que nos esvaziar, falando de forma muito lógica e natural, de toda a bagagem mental e emocional. Naturalmente, a reorientação tem duas vertentes: a reorientação como grupo, e a reorientação de cada um como indivíduo, porque o carma de cada um de nós é muito distinto, somente temos um carma em comum nestes momentos, o carma do grupo ou o grupo em si nada mais que isto, cada qual tem uma série de relações muito distintas das nossas, e a bagagem cármica também é diferente. Portanto, percebam a dificuldade que é a *consciência de grupo* e a dificuldade que o Mestre enfrenta para reunir em Seu Ashram uma série de individualidades que tenham conseguido se desprender de sua carga experimental cármica para penetrar puros e radiantes naqueles momentos místicos no Ashram e estar em contato com Ele.

Bem, o desafio é este. O primeiro passo é a *visualização*, a qual tem a ver com o contato dinâmico e mental que se estabelece entre todos e cada um de nós. Cada um deveria interpelar o outro, chamá-lo pelo nome quando o estiver visualizando, quando estiver pensando simplesmente nele. Assim veríamos que se forma no grupo uma consciência central que é como um para-raios que atrai o raio, o raio egoico de nosso grupo egoico, e então temos uma participação ativa na vida mística do grupo.

A segunda fase era o *silêncio*. Temos sempre falado da Serena Expectação como a única maneira de abordar a realidade, de descobri-la e de realizá-la. A Serena Expectação se baseia nisto, em uma atenção muito profunda sobre tudo que acontece dentro e fora de nós. Quando alcançamos esta atenção nos damos conta de que se produziu um silêncio, o qual *vem pela intenção e pela atenção*. A intenção é o propósito e a atenção é o ouvido desperto do discípulo que está se afinando acima dos sons e escuta outra voz, uma voz desconhecida para a maioria das pessoas do mundo, a *voz do silêncio*. Vejam, parece um contrassenso, mas o silêncio tem uma voz, e quando estivermos imersos nesse silêncio ouviremos uma música, suave a princípio, depois toma um impulso crescente e, no entanto, estamos silenciosos. A mente não raciocina, o coração está apaziguado, os desejos estão aquietados, e percebemos um ruído que se inicia com o contato que estabelecemos com todas e cada uma das células que compõem o nosso corpo físico e o nosso corpo etérico. Não podemos escutar a voz celular e dialogar, escolho a palavra muito convenientemente, com nossas células, fazer com que a intenção que nos guia se incorpore à vida celular, e isto não se pode realizar sem passar pela primeira etapa de silêncio. É um silêncio etérico, poderíamos dizer, mas o silêncio etérico para fora repercute para dentro, e sentimos dentro de nós mesmos esta maquinaria tremenda, ensurdecidora às vezes, dos átomos, moléculas e células que estão trabalhando ativamente em todos e cada um dos nossos órgãos, constituindo a totalidade do corpo físico e do corpo etérico; estarão em outra face da natureza. Quando ouvimos este ruído nos damos conta de que o ruído do vento, da brisa, do furacão, do arroio que desce das montanhas e o ruído de uma pessoa quando fala com outras pessoas é o mesmo, mas então, o que responde é o conjunto celular. Esse silêncio é o *primeiro estágio*, escutamos a voz das células. No *segundo estágio* de silêncio escutamos as moléculas que constituem o corpo astral. Esse segundo estágio do silêncio une o conjunto celular. A seguir penetramos em um silêncio que é de desejos, pois tem a ver com a atenção que depositamos nas coisas. À medida que estamos atentos, estamos realizando a prática do silêncio celular, referido ao conceito celular, e depois ao conjunto molecular astral. Na segunda fase sentimos como se, dentro do coração, se fixasse algo, ou se, no plexo solar, se liberasse um conteúdo. O que ocorre quando sentimos medo ou uma inquietude? Sentimos uma opressão no plexo solar, a qual desaparece com o silêncio astral. Isto é prático, pode ser feito como uma orientação de grupo. Indo rapidamente, então, vem o silêncio do pensamento, o silêncio *mental*, que é a *terceira fase* do silêncio. Os discípulos treinados iniciam o silêncio pela mente, e mais além há aqueles que iniciam o silêncio através da atenção, da Serena Expectação, a atenção a tudo o que acontece; sem dar-nos conta, está revalorizando e produzindo todos os estados de silêncio que podem existir dentro e fora de nós, porque a aura de silêncio do homem abarca muito espaço, é como uma esfera de luz (*o silêncio*), porque então o silêncio surge como uma radiação. Aqueles que estiverem ao nosso lado se sentirão silenciosos, porque a força que surge da nossa ação os impele a agir de modo semelhante. O grupo pode realizar isto muito facilmente, e às vezes vocês percebem que antes de se iniciar uma reunião de grupo há um silêncio que para mim é expectante, que é o resultado do silêncio que estabelecemos por força da atenção. Muitos flashes de atenção produzem o dinamismo no grupo e, então, temos aqui uma força interna que nos ajuda. A força gerada pelo grupo repercute individualmente sobre nós, e todos podemos invocar esta força de grupo quando julgarmos

conveniente. E como podemos invocar a força do grupo se não nos conhecemos, se não nos visualizamos? Para piorar, ainda não estamos em um grau de atenção que possibilite a produção do silêncio.

A importância da atitude expectante é definitiva, é iniciática. Sabemos que, esotericamente, se começa a casa pelo telhado. Não é o mesmo com as demais pessoas, o tipo místico usual, que tem que afirmar toda sua base na matéria pura, no corpo físico, no corpo emocional e no mental concreto. A Serena Expectação está aliada com o propósito da própria Divindade, que está serenamente expectante durante a produção do Seu universo. Significa então que não é um silêncio místico, mas dinâmico. Como a totalidade pode produzir uma série de pensamentos, dentro da Divindade fica um espaço enorme que está manipulando todas essas criações. Nós também, se fizermos um silêncio expectante, veremos que nos fica um vazio que podemos aproveitar, porque é força dinâmica para impelir à ação todo o conjunto celular, para que passe por onde queremos que passe. Estamos tratando uma coisa esotérica utilizando uma técnica filosófica, porque todo filósofo, todo cientista fica atento quando está trabalhando. É o que leva o Mestre a dizer que quando um cientista investiga, sem se afastar do objeto de sua investigação, está produzindo um vazio interno que se converte em criador. No momento oportuno, utilizando este silêncio como veículo, podem advir as grandes criações no nível que for. Qualquer artista, por exemplo, não pode criar, se dentro dele não houver um vazio. A técnica é outra coisa, ela se torna eco da inspiração ou do silêncio, depois atua, porque a técnica é para agir nos três mundos, enquanto que a inspiração vem dos níveis superiores do sistema. Pois bem, o desafio ao qual me referia foi muito bem definido por Xavier. Primeiro, a *visualização*, à qual temos feito referência muitas vezes. Não sei se a têm praticado, não sei se têm chamado uns aos outros, se têm pensado no grupo, dirigindo-se a todos e cada um dos assistentes. É básico, porque é uma *técnica ashramica*. Ninguém pode ser telepático se não tiver um conceito do irmão de grupo, se não puder dialogar com ele a não ser fisicamente. Os discípulos em um Ashram podem se comunicar com seus irmãos de grupo a milhares de quilômetros, porque utilizam o silêncio como veículo de expressão, pois o silêncio canaliza todas as energias. Ademais, o silêncio é angélico, assim como o pensamento, embora sejam de níveis diferentes. Um elétron é angélico, um próton é angélico, há apenas uma diferenciação que se vê também no Sistema Solar: o próton é positivo e o elétron negativo. Não fora assim, não existiria o átomo, porque é esta diferenciação, esta polaridade, o que produz o movimento atômico. Pois bem, trata-se de ir trabalhando muito concreta e cientificamente estas questões, porque infundem energia no grupo. Aqui estamos constituindo uma cadeia magnética, algo parecido ao que fez Mesmer, ainda que superamos a passagem da energia magnética animal com a qual ele trabalhava, para a energia psicológica. Mais adiante passaremos para a energia dévica e espiritual, porque estamos constituindo nós uma energia. As primeiras pilhas foram construídas com vários materiais, ligas metálicas com distintas vibrações que, em seu contato produziam eletricidade. Pois bem, estamos produzindo eletricidade dinâmica, que não podemos utilizar para pensar simplesmente em coisas sem importância, que deveríamos utilizar para não pensar, se é possível aceitar-se este paradoxo, porque deixar de pensar não é perder a faculdade de pensar, mas sim sublimar o pensamento, o que não é a mesma coisa, se dão conta? À medida que sublimamos o pensamento

entramos no silêncio. Quando se alcança o silêncio são captadas ideias criadoras, ideias arquetípicas. O arquétipo da arte, da ciência, da cultura, o arquétipo de qualquer tipo de civilização em marcha, o arquétipo de todos e de cada um de nós, me refiro ao arquétipo espiritual que todos estamos procurando alcançar e que pode ser invocado. Tudo isto é tão simples de ver que dificilmente se põe em prática, porque se eu lhes disser “aprendam a se calar”, pensarão que estou zombando de vocês, é que há uma experiência de silêncio. Sem esta experiência eu não poderia falar, não poderia captar ideias criadoras, não poderia ter contato com o Ashram, não poderia estabelecer contato com o Mestre, não poderia ter sua confiança, porque as palavras que emito devem surgir deste fundo de silêncio. Nem sempre é possível alcançar as etapas búdicas onde existe a inspiração espiritual, mas pode-se facilmente estabelecer contato com o mundo abstrato da mente e captar ideias criadoras, não a razão pura, búdica, mas ideias criadoras. Prestem atenção quando estiverem escutando, não a mim, mas uma melodia ou algo que os impressione tanto os sentidos que os faça ficar em silêncio, custando a voltar a si mesmos porque terão estabelecido contato com sua pátria celestial e afastado a atenção do que somos, carmicamente falando. O Mestre Tibetano disse que quando estamos encarnados expressamos apenas um terço do nosso valor como almas. Isto se refere aos discípulos, porque as demais pessoas não podem expressar quase nada, pois ainda não existe nada que as impulse à ação correta, vão seguindo o vaivém do mundo, o vaivém do carma coletivo, e estão imersas no inconsciente coletivo da raça. Como alterar o código genético de cada um de nós, se não for com esta atenção? Como podemos enriquecer os átomos permanentes físico, astral e mental com os quais trabalhamos, se não houver esta atenção à experiência? Como podemos nos reconciliar com os Senhores do Carma, se não for com a atenção à sua obra? Sua obra é a nossa vida, a qual estamos desenvolvendo na ação. Não me limito a dizer que devemos nos reconciliar com os Senhores do Carma para evitar o castigo da ação, porque Eles não premiam nem castigam, aplicam a Lei da Justiça que rege o Cosmo, e da qual não escapa nem o próprio Logos Solar. Existem os Senhores do Carma Planetário e os Senhores do Carma Solar, além dos Senhores Lipikas (dos quais todos dependemos), os quais são os Senhores do Carma da grande Constelação do Cão Maior, que se centraliza na estrela Sirius. Tudo isto parece muito distante, no entanto está acontecendo aqui constantemente, constitui a linha da ação que estamos realizando sem nos dar conta.

Resumindo, eu diria que devemos utilizar o afeto que temos para nos visualizar, para que o grupo tenha consistência concreta, não que sejamos concretos, mas que tenha uma consistência objetiva, que seja uma massa não de matéria, mas de conceitos humanos criados por nós mesmos ao pensarmos uns nos outros em um sentido de reconciliação mística e dinâmica. O que acontece em um Ashram? Não sei se já tiveram alguma vez uma experiência ashramica, mas tenho certeza de que muitos de vocês já sonharam alguma vez que estão em uma escola, que estão aprendendo e há alguém, a quem raras vezes veem o rosto, que está transmitindo um determinado tipo de ensinamento. Quem já não sonhou com isto, que estava em uma escola? É o Ashram! E quem ainda não teve este sonho, ainda o terá. É difícil estabelecer contato místico com o Mestre e com os companheiros de grupo na aula magna na qual o Mestre, senhor do espaço, dá suas aulas, promovendo a aprendizagem mística dos discípulos. Ao retornar a consciência ao corpo físico não temos elementos no cérebro



para captar a imagem do Mestre, nem a de nossos companheiros de grupo, nem tampouco o assunto da aula. Então, utilizando o caudal de ideias e experiências que está na subconsciência enlaçada com o inconsciente coletivo, captando aquela ideia, se pensarem em um professor que ensina a um grupo de alunos (entre os quais vocês se encontram), às vezes conseguem recordar alguma fase ou alguma frase do ensinamento transmitido pelo Mestre. Acredito que isto já ocorreu mais de uma vez.

A ideia de Ashram não está tão distante da vida experimental, senão vocês não estariam aqui, nem eu tampouco, porque existe a Lei de Economia de Forças e esta Lei nos reuniu aqui para juntos realizarmos um trabalho que desconhecemos e que surgirá quando estivermos tão bem orientados que, sem esforço, nos daremos conta do próximo passo a ser dado. Quando houver silêncio no grupo se verá claramente o que se pode fazer em grupo. Empregando o silêncio expectante que estamos criando ao nosso redor, um grupo de anjos levará nossa energia para onde ela estiver em falta, sem que nos demos conta e sem que nos interesse. Interessa somente criar um núcleo potente de energia e esperar que a energia que estamos criando seja depositada convenientemente onde estiver em falta. Isto é o que considero trabalho de grupo, a orientação que pode ser dada acerca do grupo em um sentido de ação. Não nos preocupemos com o que vamos fazer, mas sim com o que estamos fazendo todos e cada um de nós, em todos os momentos do dia e da noite, porque estamos considerando o assunto de uma forma muito desigual, com falta de equidade e de justiça. Parece-me que estamos olhando o grupo de lado, não de frente, onde se gesta a ação correta. Portanto, terá que haver uma reorientação total que deve surgir do centro místico do grupo, o qual se cria por esta visualização e pelo silêncio que estamos realizando quando estamos juntos e quando estamos servindo o fio de uma ideia ou da própria inspiração da Divindade, isto é, no silêncio místico. Deem-se conta, aqui e agora, de que a criação, como uma obra do grupo, está sendo preparada pelo Mestre, não por nós. Nós não temos ainda a capacidade de reorientar corretamente a ação, nem aqui nem fora daqui. Observem as falhas que existem constantemente em nossa própria vida de aspirantes e discípulos, para compreenderem a dificuldade que existe...

-----